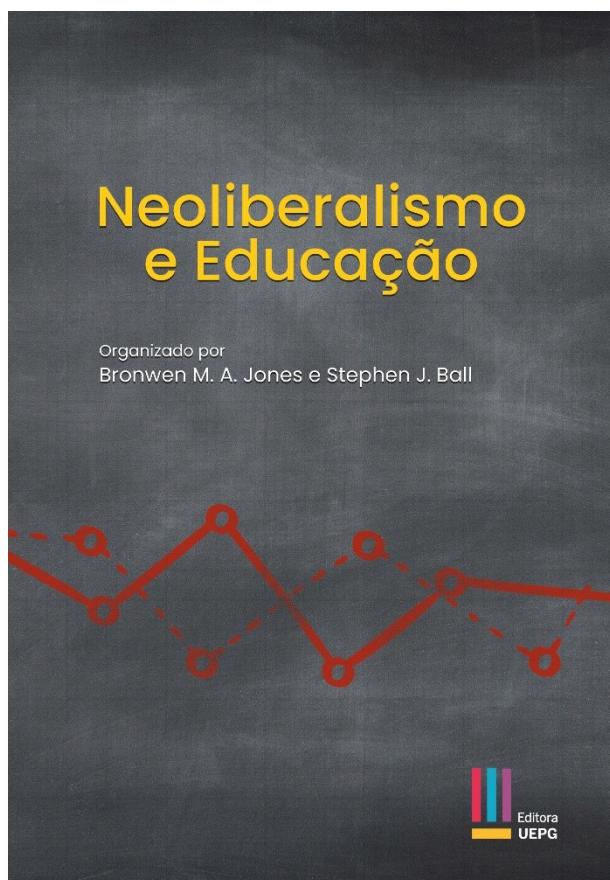


JONES, Bronwen M. A.; BALL, Stephen J. (org.). Neoliberalismo e educação. Tradução: Janete Bridon. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2025.

Manoel Ayusso Martins*

 <https://orcid.org/0000-0001-5254-346X>



Bronwen Jones e Stephen J. Ball são pesquisadores e professores no Instituto de Educação da *University College London*. Os principais interesses de Jones situam-se na sociologia política crítica: política educacional global, reformas neoliberais no Reino Unido, teorizações do neoliberalismo, privatizações e seus efeitos. Ball, por sua vez, “[...] é um dos mais renomados pesquisadores do campo da política educacional na atualidade” (Mainardes, 2015, p. 161) e possui uma produção extensa.¹ Seus principais interesses situam-se na política educacional e na teoria social: mudanças na governança e novas modalidades de Estado, reforma educacional global, relações entre educação, política educacional e classe social. Tem trabalhado com o conceito de “sociologia política” e com os métodos de Foucault e Bourdieu.

A coleção foi publicada originalmente pela editora Routledge (Jones; Ball, 2023a), e a versão traduzida em português, aqui resenhada, foi publicada pela Editora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) (Jones; Ball, 2025). Essa não

é a primeira publicação conjunta dos autores sobre o tema; ainda em 2023, escreveram o capítulo “O dispositivo neoliberal: compreendendo a transformação do espaço social e ético da educação”,

* Red Latinoamericana de Estudios Epistemológicos en Política Educativa (ReLePe). E-mail: <manoel.ayusso@gmail.com>.

¹ Mainardes e Stremel (2015) apresentam uma descrição detalhada da produção de Ball, de seus conceitos e método para análise crítica em política educacional.

que integra a *Encyclopédia Internacional de Educação*² (Jones; Ball, 2023b). Portanto, *Neoliberalismo e Educação* é mais uma oportunidade que os autores oferecem para que nos deparemos com uma crítica refinada à natureza múltipla, contraditória e nociva da neoliberalização da educação.

Na introdução, Jones e Ball apresentam as linhas mestras da coleção. Consideraram, para a seleção dos capítulos, a condição de desenvolverem a problemática de até que ponto, ao longo das últimas três décadas, a neoliberalização tem se manifestado no campo da educação e mudado o significado e a experiência da educação para seus participantes. A seleção deu-se sob a premissa de que a neoliberalização da educação tem ocorrido: (a) em nível de reforma neoliberal, produto de um processo contingente de interação e adaptação de padrões neoliberais globais em contextos educacionais, políticos, econômicos e culturais locais; e (b) em nível de produção de subjetividades neoliberais decorrentes da reforma. Ainda, todos os textos selecionados utilizam a noção foucaultiana de dispositivo.

Os dois primeiros capítulos, de Jamie Peck e Bob Jessop, respectivamente, são os únicos que não tratam diretamente da educação e exploram a teorização do neoliberalismo. Ambos recorrem à ampla bibliografia. Peck demonstra que a contradição é inerente aos processos de neoliberalização, de modo que esta implica justamente na capacidade que padrões e frentes neoliberais impulsionadoras têm de se posicionar em contextos nacionais e locais, assumindo novas formas e regenerando-se. Parte dessa premissa para constatar insuficiências tanto de estruturalismos, cujas explicações ignoram a adaptação e a diversificação do neoliberalismo em contextos situados, quanto das hipercontingências dos pós-estruturalismos, que falham ao desvincular as formas locais de seus padrões geradores. Como saída teórica, metodológica e política, Jamie Peck sugere abordagens de neoliberalização diversificada, uma aproximação entre estruturalismo e pós-estruturalismo.

Bob Jessop desenvolve uma taxonomia do neoliberalismo e explora um dos táxons: as mudanças de regimes neoliberais. Sob a premissa teórica de que o projeto neoliberal depende do predomínio do político sobre o econômico, o autor demonstra que a estratégia econômica neoliberal, constituída pela primazia do valor de troca e dos direitos do capital, intensificou um quadro de desenvolvimento nacional desigual britânico, e que as respostas políticas e sociais a esse desequilíbrio são radicalizadas. O *Brexit* é explorado como uma dessas respostas, apresentando-se como solução fictícia ao desenvolvimento desigual da neoliberalização. Jessop expõe a sagacidade do regime de acumulação, dominado pelas finanças neoliberais, em se colocar como solução para crises que ele mesmo criou.

Sangeeta Kamat é autora do primeiro capítulo dentre os quatro preocupados majoritariamente com as reformas neoliberais na educação. A pesquisadora recorre a fontes bibliográficas e documentais e parte da premissa teórica de que há neoliberalismos realmente existentes, em detrimento de um modelo puro, para demonstrar que, graças à articulação entre (a) exercício do poder político e econômico de castas regionais indianas (Andhra Pradesh costeira), nas décadas seguintes a 1950; (b) aliança entre o Estado de Andhra Pradesh e programas neoliberais; e (c) *boom* das Tecnologias de Informação (TI) no mercado global, o Ensino Superior (sobretudo privado) em Hyderabad tornou-se o grande produtor de mão de obra especializada para atuar no mercado global de TI, às custas da ampliação e consolidação de desigualdades socioespaciais locais. As lutas estudantis pela separação de Telangan expuseram as arbitrariedades desse modelo neoliberal de desenvolvimento.

² Títulos originais: *The neoliberal dispositif: understanding the transformation of the social and ethical space of education; International Encyclopedia of Education*.

Marta Baltodano, a partir de análise crítica textual de documentos, apresenta a tese de que a mercantilização da formação docente nos Estados Unidos, a partir de 1980, resulta da articulação entre (a) deslegitimação da educação pública liberal; (b) consolidação de um mercado educacional de certificação, interessado na ampliação de seus negócios e lucros, que vende uma formação docente técnica, aligeirada e comprometida com a governamentalidade neoliberal; e (c) esfera política que financia, incentiva e legitima esse mercado educacional. Em detrimento da formação docente liberal para a educação pública e comum, predomina uma formação gerencialista.

Curtis B. Riep utiliza uma abordagem de economia política cultural para examinar bibliografia e documentos da Pearson. Demonstra que a Iniciativa de Eficácia da empresa global é uma técnica discursiva que manipula dados para quantificar o impacto dos produtos educacionais na vida dos consumidores, criando uma percepção geral positiva e apresentando-se como vendedora de eficácia e qualidade de vida, a fim de superar as contradições próprias ao mercado educacional e de atingir os níveis desejados de acumulação de capital. A empresa utiliza conceitos prestigiados pelos discursos econômicos neoliberais, autorizados e normalizados por governos e instituições, a fim de criar nomeações e classificações interessadas. Baltodano e Riep finalizam seus textos em tom político, para combater o arranjo neoliberal na educação, sobretudo o *edu-business*.

Recorrendo a entrevistas com profissionais e alunos de “escolas autônomas” australianas do *Independent Public Schools* (IPS) e ao discurso de Michel Foucault, Jessica Holloway e Amanda Keddie demonstram que o atual arranjo mercantilizado da educação tanto impõe problemas às escolas, como a produção de um sentimento de competitividade nas pessoas e de um contexto favorável a tal, quanto oferece soluções a esses problemas, como a venda de seus “produtos” para competir à altura com outras unidades, levando a desvios de funções e mudanças ontológicas da educação. Tais são as causas endógenas e exógenas – cujas fronteiras são cada vez mais invisíveis – da mercantilização da educação, sujeita a contradições e recriações permanentes.

O capítulo de Holloway e Keddie antecipa a preocupação predominante na coleção dali em diante: a produção de subjetividades neoliberais na educação. O primeiro capítulo dessa parte é de Stephen J. Ball e Antonio Olmedo, que se apoiam, empiricamente, em um conjunto de *e-mails* trocados entre Ball e professores do ensino básico e superior no Reino Unido e nos Estados Unidos e, teoricamente, nas noções foucaultianas de sujeito e poder/resistência. Os autores demonstram que, a despeito da performatividade neoliberal que cria o “normal” e “o que funciona”, os professores podem e devem resistir por meio do “cuidado de si” e da “irresponsabilidade”, pois esses os levam ao questionamento da dominação a que estão submetidos e, consequentemente, a uma recriação ontológica de sua atividade docente e a um contato mais sincero com suas paixões.

Anna Hogan, Eimear Enright, Michalis Stylianou e Louise McCuaig problematizam a comercialização em escolas australianas que se comprometeram com os recursos da *Social and Emotional Learning* (SEL). Ao mesmo tempo em que se alinham ao estado atual da crítica, ao expor os potenciais perigos desse fenômeno, contradizem uma variável consolidada na literatura: os profissionais da escola são receptores acríticos dos interesses comerciais. A partir de entrevistas semiestruturadas com esses profissionais, e ancorados teoricamente no conceito de “atuação docente”, esmiúçam a tese de que os agentes não são meros receptores de recursos de mercado; ao contrário, suas decisões sobre o que acham da SEL e quais recursos irão ou não utilizar para implementá-la são tomadas com o devido compromisso com suas crenças sobre si e sobre seu trabalho, além da devida consciência dos determinantes aos quais estão submetidos.

Rille Raaper apoia-se teoricamente em Michel Foucault e Norman Fairclough, e empiricamente em um grupo focal com estudantes de duas universidades (Estônia e Reino Unido), com tradições avaliativas divergentes, para demonstrar que há um *homo economicus* “livre e racional” emergente no Ensino Superior, mas que se circunscreve mais ao quadro axiológico dos estudantes

do que à sua experiência em contextos reais de avaliação. Estudantes associam o valor de sua formação e os propósitos da avaliação ao seu desempenho e futura empregabilidade; no entanto, na realidade da sala de aula, submetem-se a um poder disciplinar presente em ambas as instituições, ainda que com formas diferentes, que conduz suas relações sociais com docentes. Entretanto, desenvolvem técnicas para subverter essa relação de poder, conforme leitura estratégica do contexto em que se inserem.

Por fim, Kristiina Brunila and Päivi Sivonen apoiam-se nas qualidades constitutivas e contraditórias do discurso e da linguagem, e em dados de pesquisas anteriores sobre estudantes da educação de jovens e adultos (Finlândia, desde 1990), para esmiuçar a tese de que os discursos terapêuticos, aliados aos empresariais, são estratégicos na governamentalidade neoliberal para produzir subjetividades em harmonia com as necessidades do mercado. A patologia é apresentada como única causa dos problemas dos estudantes, esvaziando sua natureza social e política e atribuindo à existência individual o caminho para a autossuperação e a autorrealização. Como efeito, têm-se sujeitos tanto vulnerabilizados por algum tipo de insuficiência psicológica quanto competitivos, movidos pelo sentimento de sobrevivência e pela necessidade de superação dessas insuficiências. A coexistência entre vulnerabilidade e competitividade mostra como o discurso pode produzir sujeitos tanto submissos quanto agentes.

As discussões denunciam a neoliberalização da educação, em diferentes tempos e espaços, e podem ser adequadas ao contexto brasileiro mediante diálogo com a literatura que estuda a neoliberalização da educação no Brasil. A despeito da diversidade de temas e argumentos na coleção, há uma estrutura subjacente a esse conhecimento sobre as reformas e as subjetividades neoliberais: uma crítica comum.

A crítica comum das reformas neoliberais articula as relações entre a política, o arranjo de forças sociais e econômicas em torno do Estado e a constituição de um mercado educacional altamente lucrativo, em estreito vínculo com o mercado global, e explora seus efeitos em termos da consolidação de uma Educação Básica e uma Educação Superior neoliberais e da intensificação do desenvolvimento desigual e das relações sociais de desigualdade. O diálogo entre a crítica das reformas neoliberais da coleção e a literatura no Brasil pode ocorrer com a problematização da privatização da gestão, do currículo e da oferta educacional básica (Adrião, 2022), das transformações ontológicas e funcionais do Ensino Superior, estimuladas pelo mercado financeiro e legitimadas pela esfera política (Alves; Gonçalves, 2019), da precarização do trabalho docente nos ensinos básico e superior, decorrente dos constrangimentos impostos pela política e pela economia neoliberais (Assis; Neves; Aragão, 2023), dentre outros temas.

No caso da crítica comum das subjetividades neoliberais na coleção, ela se volta tanto à produção de sujeitos desejados na educação – quais valores, saberes e práticas devem constituir e orientar pessoas e grupos – quanto às resistências e contradições dessa produção, encontradas dentro dos próprios sujeitos e nos lugares reais em que se inserem. Pode-se articulá-la ao problema da psiquiatrização como estratégia para responsabilizar individualmente estudantes brasileiros que não correspondem à subjetividade neoliberal desejada (Caponi; Daré, 2020), ao endividamento estudantil para “aprimoramento constante” como técnica de governo na produção do sujeito neoliberal (Resende, 2023), dentre outros.

Enfim, a coleção organizada por Bronwen Jones e Stephen J. Ball escancara a neoliberalização da educação tanto “lá em cima” quanto “aqui embaixo”, como um fenômeno que, em termos kantianos, intuímos e conhecemos no tempo e no espaço a cada instante. Obra urgente para os interessados nos vínculos mais íntimos entre teoria social e educação.

Referências

ADRIÃO, T. **Dimensões da privatização da educação básica no Brasil**: um diálogo com a produção acadêmica a partir de 1990. Brasília: ANPAE, 2022.

ALVES, E. M.; GONÇALVES, R. M. P. Educação como mercadoria: desafios da educação superior em meio ao capitalismo em crise. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 5, p. 1-26, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/riesup.v5i0.8653651>

ASSIS, V. D.; NEVES, V. N.; ARAGÃO, W. H. Um balanço da produção científica brasileira sobre trabalho docente (2008-2023). **Educação e Formação**, Fortaleza, v. 8, p. 1-22, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25053/redufor.v8.e11805>

CAPONI, S.; DARÉ, P. K. Neoliberalismo e sofrimento psíquico: a psiquiatrização dos padecimentos no âmbito laboral e escolar. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 25, n. 2, p. 302-320, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2020v25n2p302>

JONES, B. M. A.; BALL, S. J. (ed.). **Neoliberalism and education**. Abingdon: Routledge, 2023a.

JONES, B. M. A.; BALL, S. J. The neoliberal dispositif: understanding the transformation of the social and ethical space of education. In: TIERNEY, R.; RIZVI, F.; ERCIKAN, K. (ed.). **International encyclopedia of education**. 4. ed. London: Elsevier, 2023b. p. 60-69.

JONES, B. M. A.; BALL, S. J. (org.). **Neoliberalismo e educação**. Tradução: Janete Bridon. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2025.

MAINARDES, J. Entrevista com o professor Stephen J. Ball. **Olh@ares**, Guarulhos, v. 3, n. 2, p. 161-171, nov. 2015. DOI: <https://doi.org/10.34024/olhares.2015.v3.432>

MAINARDES, J.; STREMEL, S. **Informações sobre a abordagem do ciclo de políticas**: lista de obras de S. J. Ball e de pesquisas brasileiras que empregam suas ideias. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283721918_Informacoes_sobre_a_abordagem_do_ciclo_de_politicas_-Lista_de_oberas_de_S_J_Ball_e_de_pesquisas_brasileiras_que_empregam_suas_ideias. Acesso em: 25 jun. 2025.

RESENDE, H. Do *homo economicus* ao *homo in debitum*: efeitos do neoliberalismo na educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 48, p. 1-13, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-6236109657vs01>

Recebido em 20/08/2025

Versão corrigida recebida em 01/09/2025

Aceito em 02/09/2025

Publicado online em 09/09/2025